

JORNAL: O GLOBO LOCAL: RIO DE JANEIRO

DATA: 31/10/82 AUTOR: O GLOBO

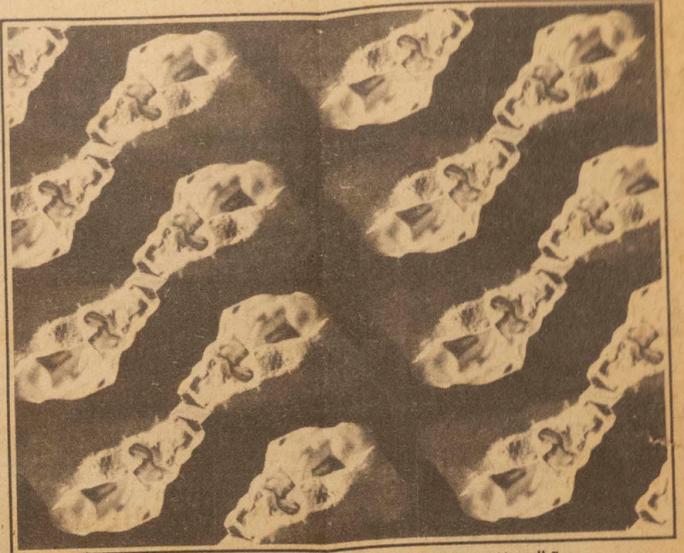
TÍTULO: SIRON, OSMAR E DUAS HOMENAGENS: MÁRIO PEDROSA E ALOÍSIO MAGALHÃES

ASSUNTO:

ARTES PLÁSTICAS



Escultura, ferro, de Amílcar de Castro



Cartema da série preto-e-branco, inédito, de Aloísio Magalhães

Siron, Osmar e duas homenagens: Mário Pedrosa e Aloísio Magalhães

● Há um ano, no dia 5 de novembro, com a idade de 81 anos, morria, no Rio de Janeiro, o crítico de arte Mário Pedrosa. Figura exemplar de intelectual e político, foi o mais importante crítico da arte contemporânea brasileira. Comemorando o primeiro aniversário de sua morte, o Museu de Arte Moderna e a revista "Módulo" inauguram na próxima quinta-feira, dia 4, uma exposição-homenagem reunindo obras de 24 artistas brasileiros de diferentes gerações e publicam um encarte com depoimentos sobre a Contemporaneidade. No dia seguinte, o Núcleo de Fotografia da Funarte homenageia outro morto ilustre, Aloísio Magalhães, com uma exposição de Cartemas de três fases, uma delas inédita. Ainda nesta semana, duas exposições de interesse: desenhos de Osmar Fonseca, no Centro Cultural Cândido Mendes, e pinturas de Siron Franco, na Galeria Bonino. Vamos ao roteiro.



"Outro sorriso", óleo sobre tela, 1982, de Siron Franco

suas revoluções e interpretando-as, situando-as em contexto mais amplo, universal. A mostra do MAM vai justamente reunir obras de 24 artistas sobre os quais escreveu com mais frequência ou com os quais manteve relações de amizade. São eles: Volpi, Ivan Serpa, Lygia Clark, Lygia Pape, Milton Dacosta, Aloísio Carvão, Amílcar de Castro, Weissmann, Willis de Castro, Ione Saldanha, Rubem Valentim, Jackson Ribeiro, Hélio Oiticica, Rubens Gerchman, Antônio Dias, Anna Bella Geiger, Roberto Magalhães, Carlos Vergara, Bário, Cildo Meirelles, Raimundo Colares, Antônio Manoel e Carlos Pertuis. Alguns textos de Mário Pedrosa serão colocados entre as obras expostas e uma grande fotografia sua. O encarte da revista "Módulo" que acompanhará a exposição reunirá vários depoimentos sobre o tema da Contemporaneidade — Lygia Canongia, Anna Bella Geiger, Carlos Zilio, Paulo Roberto Leal, Milton Machado, Thomas Cohn, Iole Freitas, Mário Barata, Mário Ramiro, Yan Michalski, Armando Freitas Filho e uma apresentação de Marcos Lontra Coelho.

● Ainda na quinta-feira, duas exposições, a de Aderson Medeiros, na Galeria Bape, em Petrópolis, e uma coletiva reunindo pinturas e guaches de Hilda Maranhão, J. Sobral, Margarette Watanabe, Henriette Moreira Souza, Sylvio de Niemeyer e José Francisco Sá, na Biblioteca Estadual da Lagoa.



Desenho da série "Notícias Brasileiras", 1982, de Osmar Fonseca

QUINTA, 4

● A última exposição de Siron Franco, que circulou por várias capitais brasileiras, mas não veio ao Rio, foi apresentada, em catálogo, por Millôr Fernandes, que disse desse artista goiano: "É rico de idéias e cada idéia sua tem três metros quadrados, sete cores primárias, espessura, tema e tessitura, contexto, trama e urdidura, e o que mais vêem técnicos que vêm de longe ver de perto, o que ele pinta. Mas só nós dois sabemos que o pintor é apenas um conjunto de telas, tintas, pincéis e atrocidades". A última vez que Siron Franco se apresentou no Rio foi na coletiva "Pablo, Pablo, uma interpretação brasileira de Guernica", com uma enorme tela, admiravelmente bem pintada e desenhada, na qual situa, no Planalto Central, o massacre descrito por Picasso. Para o catálogo de sua exposição na Bonino, Siron limita-se a reproduzir as obras que vai expor e agregar duas fotos de seu ateliê e um croquis, que ele chama de "Notas do autor". Siron, como se pode concluir do exame do catá-

go, está mais solto e livre do que nunca, senhor absoluto de seu artesanato pictórico, mergulhando fundo em sua escatologia zoo-antropomórfica, fazendo conviver no mesmo espaço confinado e até no mesmo corpo o homem e o animal, desenho e pintura, dissecando as relações humanas, homenageando Lindner e outros pintores menos cotados, agradando e agradando. Na Galeria Bonino.

● "A função do crítico — escreveu Mário Pedrosa, em 1969 — cada vez mais incômoda, o leva a assumir deliberadamente um papel partidário, ativo em um ismo ou a ser, de mais a mais, uma alma dilacerada que, por dever de universalidade, testemunha impávida e viva de seu tempo, tem de relacionar os polos, descobrir-lhes a estrutura comum em que se colocam, a dar sobre

eles o depoimento de sua presença, que encerra ou deve encerrar os critérios de juízos que são os seus. Cada artista, uma vez, sua revolução, mas o crítico a testemunha sem repouso de cada revolução". O crítico, dizia ainda Pedrosa, "tem de conservar a cabeça acima da corrente. A cada momento tem de acompanhar o artista nas suas investigações, na sua inquietude criada, mas tem adicionalmente de se esforçar, a cada momento, saber não captá-las, mas colocá-las em situação, isto é, ele não pode assumir, como a unilateralidade do artista, pois para explicar, defender, situar, hierarquizar, é sua obrigação ver, também, outros ângulos". Assim agiu Mário Pedrosa, sempre cercado de artistas, sempre perto do artista, acompanhando